

Administração: Aspectos Simbólicos no Contexto da Pós-graduação Stricto Sensu, nessa área, no Brasil

Autoria

Patrícia de Paiva Vieira Santos - patricia_vieira@id.uff.br

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAd / UFF - Universidade Federal Fluminense

Marcelle Peres Almeida - marcelle10peres@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAd / UFF - Universidade Federal Fluminense

Erika Freitas Costa Gomes - freitaserika96@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAd / UFF - Universidade Federal Fluminense

Mariana Aline Ribeiro Novaes - marisjcadm@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAd / UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo

Um estudo publicado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), apontou que o número de ofertas de cursos de mestrado no Brasil aumentou 205% em 20 anos. De modo geral, a continuação dos estudos é tida na sociedade como essencial para aqueles que desejam seguir a vida acadêmica, e também para quem busca melhores oportunidades no mercado de trabalho. No entanto, questiona-se: E na perspectiva dos estudantes e daqueles que ainda pretendem cursá-lo, quais aspectos simbólicos estão sendo associados a se ter um mestrado no Brasil? Assim, realizou-se uma pesquisa de campo com estudantes, e um potencial estudante, de mestrado em Administração. A seleção dos entrevistados se deu pelo critério de acessibilidade, e as entrevistas ocorreram à distância, de maneira individual. Esta pesquisa tem caráter qualitativo interpretativista, e a abordagem utilizada para a análise de dados foi a Análise Temática. Como principais resultados, foi possível identificar quatro dimensões simbólicas relacionadas ao mestrado no Brasil: i) Futuro e carreira; ii) dificuldades de fazer um mestrado; iii) privilégios e iv) pausa nos estudos. Observou-se que algumas questões particulares à realidade brasileira, acabam atenuando as dificuldades de fazer um mestrado, contribuindo para o surgimento de resultados com uma visão mais crítica.

Administração: Aspectos Simbólicos no Contexto da Pós-graduação Stricto Sensu, nessa área, no Brasil

RESUMO

Um estudo publicado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), apontou que o número de ofertas de cursos de mestrado no Brasil aumentou 205% em 20 anos. De modo geral, a continuação dos estudos é tida na sociedade como essencial para aqueles que desejam seguir a vida acadêmica, e também para quem busca melhores oportunidades no mercado de trabalho. No entanto, questiona-se: E na perspectiva dos estudantes e daqueles que ainda pretendem cursá-lo, quais aspectos simbólicos estão sendo associados a se ter um mestrado no Brasil? Assim, realizou-se uma pesquisa de campo com estudantes, e um potencial estudante, de mestrado em Administração. A seleção dos entrevistados se deu pelo critério de acessibilidade, e as entrevistas ocorreram à distância, de maneira individual. Esta pesquisa tem caráter qualitativo interpretativista, e a abordagem utilizada para a análise de dados foi a Análise Temática. Como principais resultados, foi possível identificar quatro dimensões simbólicas relacionadas ao mestrado no Brasil: i) Futuro e carreira; ii) dificuldades de fazer um mestrado; iii) privilégios e iv) pausa nos estudos. Observou-se que algumas questões particulares à realidade brasileira, acabam atenuando as dificuldades de fazer um mestrado, contribuindo para o surgimento de resultados com uma visão mais crítica.

Palavras-Chave: Pós-graduação Stricto Sensu no Brasil; Aspectos Simbólicos do Consumo; Pesquisa Qualitativa; Entrevista Semiestruturada; Análise Temática.

1. Introdução

“Pesquisar não é apenas procurar a verdade, é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos” (LAKATOS; MARKONI, 2015, p. 15). Com base nessa afirmação, este trabalho buscou apresentar uma pesquisa de campo realizada com atuais estudantes, e um potencial estudante, de mestrado em Administração com o intuito de identificar os aspectos simbólicos associados a essa titulação.

Para isso, utilizou-se dois eixos teóricos na construção da literatura: Pós-graduação stricto sensu no Brasil e aspectos simbólicos do consumo. No que diz respeito à pós-graduação stricto sensu no Brasil, os desafios mais frequentes nos programas de mestrado no Brasil estão nas questões teóricas, legais, normativas e práticas (TAKAHASHI et al., 2010). As questões teóricas envolvem a clareza do conceito da finalidade, do pressuposto e das características de cada um dos programas. Por sua vez, as questões legais e normativas dizem respeito a regulamentação clara sobre o papel de cada programa e suas diferenças perante as instituições ofertantes. Finalmente, as questões práticas referem-se ao conhecimento e à interpretação de cada instituição de ensino sobre o conceito e a legislação que define cada tipo de curso na estrutura de pós-graduação stricto sensu (TAKAHASHI et al., 2010).

No que diz respeito aos aspectos simbólicos do consumo, Levy (1959) destaca que pessoas compram coisas não somente pelo que estas coisas podem fazer, mas também pelo que

elas significam. O autor enfatiza que o consumidor não é orientado funcionalmente pois seu comportamento é influenciado pelos símbolos identificados nos produtos, sendo tais aspectos parte também essencial na compreensão do comportamento do consumidor.

A pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) no Brasil possui características simbólicas que a aproximam de ser o caminho necessário para o desenvolvimento de capacitação nos setores da pesquisa científica e dos recursos humanos, para o incremento de novos profissionais no ensino superior com maior qualificação de conhecimentos em áreas específicas. Serão justamente essas características simbólicas o objeto de investigação deste estudo.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Pós-graduação *Stricto Sensu* no Brasil

Pós-graduação *Stricto Sensu* representa um programa de formação intelectual com produção de conhecimento por meio de pesquisa científica, atividades de ensino e extensão e visando o aprofundamento dos conhecimentos acadêmicos e técnico-profissionais, em campos específicos do saber (AGUIAR NETO, 2014).

Santos (2015), com base no Parecer 977 do Conselho Federal de Educação (CFE), aponta que no ano de 1965 foi criado o sistema brasileiro de pós-graduação *stricto sensu* “cujo escopo é ampliar e aprofundar a gênese educacional [...] e propiciar o alcance de grau acadêmico superior [...]. São distinguidos dois estágios na pós-graduação *stricto sensu* do Brasil: o mestrado e o doutorado” (SANTOS, 2015, p. 9).

A pós-graduação *stricto sensu* no Brasil ocorreu junto com a concepção da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em meados de 1951, como instituição alistada ao Ministério da Educação cuja finalidade é dar cumprimento à política nacional de pós-graduação (CIRANI; CAMPANARIO; SILVA, 2015). Cirani, Campanario e Silva (2015) apontam a existência de diversos graus de dificuldades no segmento da pós-graduação brasileira em termos estruturais e de investimentos, levando-se em conta a demanda de necessidade de qualificação de pessoal em todas as áreas possíveis do conhecimento em nível superior.

O mestrado acadêmico tem como fundamentação a motivação do discente à pesquisa, de forma gradual, que o preparará para a realização de produções de trabalhos científicos, através dos variados tipos de materiais como artigos científicos, revistas físicas e eletrônicas especializadas na área afim, anais de congressos, entre outros. Desta forma, “[...] é exigido do discente, dedicação, foco e muita pesquisa de forma que seu potencial redacional atinja certo grau de qualidade na construção textual de elementos científicos, compreensíveis e de forma metodológica” (REGO; MUCCI JUNIOR, 2015, p. 161).

Um massivo investimento, cerca de 450 milhões em bolsas de capacitação, que a CAPES executou ao longo de 2003, consistindo em uma estatística nacional de 25.979 dissertações de mestrado entre os 1.752 programas de pós-graduação existentes à época, proporcionaram a pós-graduação *stricto sensu* ser a responsável pelo aumento da produção científica no Brasil das últimas décadas. (OLIVEIRA; MORAES, 2016; KUENZER; MORAES, 2005).

Em seguida, um estudo publicado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, mostrou que o número de cursos de pós-graduação teve um crescimento significativo em 20 anos no Brasil. No caso dos mestrados, o número de ofertas aumentou 205%, enquanto, no caso dos doutorados, a

expansão foi de 210%. Comparando o período entre 1996 e 2014, o crescimento anual foi de 6,4% em novos programas oferecidos pelas instituições de ensino. No final da década de 90, o Brasil tinha 1.187 cursos de mestrado, número que aumentou para 3.620 em 2014. O mesmo instituto (CGEE) constatou também o aumento do número de empregos formais de mestres e doutores, respectivamente, 92% e 125%, no período de 2009 a 2017.

No Estudo Brasil: Mestres e Doutores 2019, outro índice que se destaca pelo seu aumento é a quantidade de pós-graduandos. Em 2017, 61.661 pessoas se tornaram mestres. Esses dados representam um crescimento de 488%, se comparado aos dados de 1996, período analisado na iniciativa do CGEE. Embora ainda represente a área que mais contribui para essa formação, a região Sudeste perdeu 20 pontos percentuais em sua participação no número de mestres. Em contrapartida, todas as demais regiões brasileiras aumentaram rapidamente suas colaborações na porção de titulados e na geração de empregos, o que caracteriza uma melhor distribuição geográfica desses índices no país.

2.2 Aspectos Simbólicos

Estudos sobre o comportamento do consumidor tem demonstrado que quando os indivíduos se engajam pelo consumo de determinados produtos, serviços, performances, informações ou ambientes, sua apropriação e valorização pode estar relacionada a propósitos utilitários expressivos ou contemplativos. (WARDE, 2017).

De acordo com Sidney Levy (1959), o aspecto funcional do produto deixou de ser prioridade como era quando o consumidor estava apto a ser um “homem econômico”. As pessoas também consomem pelos significados pessoais e sociais que determinada aquisição pode trazer. Nesse contexto, é através de uma avaliação implícita ou explícita deste simbolismo que os consumidores decidirão se aquele produto ou serviço atende ou não às suas expectativas e desejos (LEVY, 1959).

Os aspectos simbólicos foram, durante muito tempo, negligenciados por perspectivas que apontavam o consumidor como alguém que faz escolhas baseando-se apenas na racionalidade, um pensador lógico (HIRSCHMAN; HOLBROOK, 1982). Perspectiva que é utilizada ainda hoje, pelos economistas, por exemplo, que tendem a ver o consumo como uma escolha baseada na racionalidade e objetividade, que visa sempre uma compra ideal, aquela onde pode-se conseguir a máxima utilidade tendo o menor dispêndio monetário. (MACHADO, 2018).

No entanto, pesquisadores como Hirschman e Holbrook (1982), começaram questionar a hegemonia dessa perspectiva de processamento de informações, demonstrando que o consumo também deve ser compreendido como um estado de consciência, sobretudo subjetivo, e composto de diversos significados simbólicos, respostas hedônicas e critérios estéticos. Fenômenos importantes do consumo que podiam estar sendo negligenciados. (HIRSCHMAN; HOLBROOK, 1982). Conforme mencionado por Featherstone (1995):

A preocupação com o estilo de vida, com a estilização da vida, sugere que as práticas de consumo, o planejamento, a compra e a exibição dos bens e experiências de consumo na vida cotidiana não podem ser compreendidos simplesmente mediante concepções de valor de troca e cálculo racional instrumental. As dimensões instrumental e expressiva não deveriam ser vistas como polaridades excludentes; antes, é possível imaginar que a cultura de consumo põe ambas em confronto numa balança. (FEATHERSTONE, 1995, p. 123)

Embora uma perspectiva experiencial não exclua a dimensão instrumental, é importante que o consumo seja compreendido além de valores de uso, mas primordialmente como o consumo de significados (FEATHERSTONE, 1995). Nesse contexto, Levy (1959) sugere que todos os produtos podem possuir um significado simbólico, que vão além dos seus aspectos funcionais.

No que concerne ao simbolismo presente nos espaços sociais, Senra e Vieira (2020) apontam que foi Bourdieu quem no decorrer de sua trajetória elaborou diversos conceitos que se relacionam e ajudam no entendimento desses fenômenos sociais. Onde a base para a compreensão dos espaços sociais advém dos conceitos de ideia de campos desenvolvidos nos trabalhos de Bourdieu (1989; 1990; 1996). De acordo com Senra e Vieira (2020):

A teoria dos campos de Bourdieu compreende uma visualização dos espaços sociais como estruturas de relações que formam as práticas dos indivíduos pertencentes a eles. Os espaços sociais considerados campos não são espaços geográficos, mas espaços simbólicos que envolvem os agentes do campo. Os campos possuem uma hierarquia, de forma que cada agente, indivíduo ou instituição, ocupe algum lugar nas possíveis posições sociais e seja definido por meio dessas posições (SENRA e VIEIRA, 2020, p.3)

Nesse cenário, a dinâmica dos campos é dada pela luta entre as classes sociais, que tentam modificar a sua estrutura tentando alterar o princípio hierárquico (econômico, cultural, simbólico) das posições internas presentes no campo. Onde as estratégias geralmente centram-se no investimento visando a sua reprodução, na sucessão para a manutenção das heranças e ao ingresso nas camadas dominantes. (THIRY-CHERQUES, 2006). Na educação, observam-se os mesmos propósitos; não apenas na acumulação econômica, mas também, “social (matrimônios), cultural (estilo, bens, títulos) e, principalmente, simbólica (*status*)” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.39).

Diante do exposto, percebe-se que o simbolismo se encontra presente nos espaços sociais. Neste estudo, pretende-se apoiar nessa literatura para investigar os significados simbólicos associados a se ter um mestrado, sob a perspectiva de alunos regularmente matriculados em instituições de ensino brasileiras, e de pessoas que ainda pretendam cursá-lo.

3. Método de Pesquisa

Esta pesquisa tem como base os preceitos de um estudo qualitativo interpretativista com o objetivo principal identificar os aspectos simbólicos associados a se ter um mestrado no Brasil. A escolha da investigação qualitativa se deu com base na “suposição de que o conhecimento é socialmente construído” (RESENDE, 2016, p. 51). Busca-se com esse tipo de pesquisa descobrir significados, valores, entendimentos, interpretações, emoções, dentre outros (RESENDE, 2016). Como destaca Charmaz (2004, p. 981), nesse tipo de pesquisa o investigador “entra no fenômeno para descobrir o que é significativo a partir do ponto de vista e das ações das pessoas que o experienciaram”.

A coleta de dados foi feita através de entrevistas (RESENDE, 2016) com estudantes que estão cursando o mestrado, e com um estudante em potencial que não está, porém pretende cursá-lo em algum momento. O método da entrevista utilizado nessa pesquisa, permitiu acessar “a forma como os participantes observam determinado tipo de fenômeno, o que sentem e pensam sobre ele” (HASTIE; HAY, 2012, p. 19). ”.

Em um momento que antecedeu as entrevistas, foi elaborado em conjunto pelos pesquisadores um roteiro contendo perguntas abertas e exercícios projetivos. Esse roteiro

contou com uma estrutura organizada por tópicos que envolveram perguntas de identificação, perguntas introdutórias e perguntas de aprofundamento, todas elas relacionadas a se ter e fazer um mestrado em Administração no Brasil. Tais perguntas permitiram ao investigador verificar mais a fundo as opiniões, visões, os anseios, as dificuldades e os dilemas dos entrevistados ao cursar um mestrado ou desejar cursar.

A seleção dos entrevistados se deu pelo critério de acessibilidade. Os entrevistadores enviaram convites através de *e-mails* e grupos de redes sociais, propondo a participação à esta presente pesquisa. Posteriormente, os indivíduos que responderam com interesse ao projeto foram contactados por *whatsapp* e a entrevista, então, foi realizada à distância, por telefone ou reunião virtual (*meeting*). Os entrevistados possuem idades que variam de 25 a 40 anos e residem no estado do Rio de Janeiro. As entrevistas foram individuais, com um único entrevistado e entrevistador e tiveram duração média de uma hora. Os entrevistadores buscaram extrair os sentimentos e as opiniões sobre o impacto do mestrado na vida dos indivíduos, com a finalidade de retratar a percepção dos entrevistados acerca do assunto. A tabela 1 apresenta detalhes dos entrevistados.

Tabela 1. Perfil dos entrevistados

Participante	Idade	Trabalha	Ensino Médio	Cursa Mestrado
Paula	30	Sim	Escola Pública	Desde 2021
Walter	33	Sim	Escola Pública	Desde 2021
Ana	25	Estágio	Escola Pública	Desde 2021
Janaína	26	Sim	Escola Pública	Desde 2020
Hugo	40	Sim	Escola Pública	Não

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A abordagem utilizada para a análise de dados foi a Análise Temática, que de acordo com Braun e Clarke (2012) é um método acessível, flexível e muito utilizado em pesquisas qualitativas. Ainda, segundo as autoras, este método é utilizado para identificar, organizar e fornecer pensamentos em relação a um conjunto de dados, permitindo que o pesquisador dê sentido ao conjunto de significados e experiências que foram compartilhados no momento da pesquisa. Assim, pode se dizer que este método tem por objetivo analisar as informações de uma maneira geral para, depois, dividi-la nos temas mais abordados na entrevista, o que foi o caso deste trabalho.

Esta abordagem possui seis fases, e são elas: familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, procura de temas, revisão de potenciais temas, definição e denominação de temas e, por último, produção de relatório (BRAUN; CLARKE, 2012). Em detalhe, a análise dos dados foi feita nesse trabalho de forma individual baseado nos dados coletados por cada entrevistadora em sua entrevista com um mestrando. Cada pesquisadora refletiu sobre os dados coletados para que pudessem retirar os temas que apareceram mais frequentemente em suas entrevistas, desse modo, foi necessário que cada uma, após a transcrição de suas entrevistas, se atentasse para os assuntos mais relevantes que foram mencionados no momento das entrevistas. Assim, ainda de forma individual, cada uma criou uma tabela que foi preenchida com os temas e as falas dos entrevistados que representavam o tema anunciado.

Após esta análise individual, o grupo de pesquisadoras se reuniu para que fosse discutido cada tema encontrado individualmente com o objetivo de estabelecer alguma relação entre os entrevistados. De forma expositiva, e através de uma reunião no *Google Meet*, foi possível ressaltar os tópicos e relacionar quatro categorias de análise, com algumas subcategorias. A partir disso, a análise passou a ser feita em uma tabela compartilhada, com todas as pesquisadoras envolvidas no trabalho, para que cada uma contribuísse com os dados fornecidos pelos seus entrevistados, com base nos temas selecionados.

Assim, a planilha compartilhada foi dividida nas categorias: futuro e carreira, relacionada a seguir carreira como professor ou em empresa privada, reconhecimento de se ter um mestrado, status que o título de mestre oferece e a desvalorização do mestrado por alguns setores e algumas pessoas. Uma segunda categoria abordou sobre as dificuldades de fazer o mestrado, incluindo a frustração de “não dar conta”, e a tentativa de conciliar com trabalho. A terceira categoria foi sobre os privilégios, esta categoria foi dividida em subcategorias que serão apresentadas mais à frente. E, por fim, a última categoria foi relacionada ao tempo (trabalhar para depois fazer doutorado).

A terceira categoria, sobre privilégios, possuiu três subcategorias. A primeira mencionou os privilégios financeiros, que são todos aqueles que falam sobre não precisar trabalhar enquanto fazem o mestrado e possuem condições financeiras para ficar apenas estudando, ter alguém que o sustente. A segunda subcategoria é sobre o privilégio de tempo, relacionado aos tópicos de tempo para dedicação total ao mestrado, sem a necessidade de conciliá-lo com outras atividades. Por fim, a última subcategoria abordou privilégio de relacionamento, o fato de ter outras pessoas que ajudam, seja com apoio emocional ou prático, aqueles que “colocam a mão na massa” para ajudar, sendo família, amigos, os próprios colegas do mestrado, professores e parceiros do trabalho. Na apresentação dos resultados, pseudônimos foram utilizados para garantir a privacidade dos respondentes

4. Resultados

4.1 Futuro e Carreira

Na categoria Futuro e Carreira, foram encontrados elementos associados ao conflito entre seguir a carreira acadêmica e se tornar professor ou buscar oportunidades em empresas privadas. Esse conflito aparece nos relatos relacionado a aspectos como a “desvalorização” do mestrado no ambiente de trabalho e da carreira de professor para a sociedade; a falta de “reconhecimento”, a realização de um “sonho” e a “busca por status”

A desvalorização do mestrado foi o elemento que mais apareceu nos relatos dos entrevistados. Para alguns, essa desvalorização se refere à falta de “reconhecimento” por parte do mercado de trabalho, principalmente na área privada, uma vez que “nossas grandes empresas não têm tradição de investimento em pesquisa, diferentemente das nações centrais do capitalismo, sobretudo Estados Unidos” (LUZ, 2005, p. 49). O relato de Janaína, por exemplo, ao mesmo tempo que aborda esse aspecto como quando diz que “No mercado de trabalho, infelizmente a gente escuta falar que as empresas não valorizam o mestrado”, adiciona uma certa esperança de que isso mude no futuro uma vez que consegue “enxergar diversas formas pelas quais o mestrado possibilita unir a teoria aprendida com a prática do mercado”. Walter reforça o relato de Janaína acreditando no aprendizado obtido durante esse caminho: “mesmo que o meio privado não reconheça o título [...], o que aprendi eu posso aplicar em várias situações”.

A entrevistada Paula lembra que ao contrário do que acontece no mercado na área privada, em que as empresas adicionam “uma visão negativa” quando se deparam com um candidato que está cursando mestrado, considerando que este “não vai se dedicar 100% para o trabalho” e acaba sendo “um tempo que você está perdendo [...] e que poderia estar só trabalhando para eles”; na área pública, essa associação parece ser diferente. Conforme a respondente aponta, “numa carreira pública existe sim este incentivo, inclusive você pode tirar licença para estudar”.

Outro aspecto da desvalorização do mestrado, que aparece nos relatos, está associado a uma desvalorização não apenas do título, mas sim da carreira do professor na sociedade, é o que Luz (2005) chamou de desvalorização social do professor. Para Walter, “é muito difícil você ter uma vida acadêmica”, pois além da falta de vagas, conforme já apontava Luz (2005, p.51), atualmente é impensável que um professor se dedique especialmente ao ensino [...] Na pós-graduação estrito senso, embora se fale ainda no binômio ensino/pesquisa, a atividade-fim dos programas está completamente voltada para a pesquisa”. Assim, essa percepção de dificuldade, para o respondente, está relacionada à “falta de incentivos”, a “pressão” sofrida pelos profissionais da área, o excesso de “disputa” e de “concorrência” em vagas de instituições de ensino. Por isso, para Walter “talvez, se houvesse mais incentivos não precisasse ser uma disputa tão grande, as pessoas não se sentiriam tão pressionadas”. Janaína corrobora com Walter ao apontar que “está cada vez mais difícil conseguir trabalho em universidades públicas, pela alta concorrência e pelo baixo número de vagas”.

Foi possível identificar nos relatos dois tipos diferentes de reconhecimento: o reconhecimento externo, que adiciona uma tensão ao reconhecimento do mestrado por parte do mercado de trabalho principalmente na área privada, e o reconhecimento interno, ou seja, individual. Classificamos como reconhecimento interno e individual aquele que adiciona aspectos subjetivos à obtenção do título de mestre. Por exemplo, foram encontrados nos relatos, elementos que atribuem ao título de mestre representações como realização de um “sonho” e “status”. Enquanto Janaína comenta que “a carreira acadêmica é um sonho”, a entrevistada Paula sugere que:

“[ter um] mestrado é muito status, você é valorizado pelas pessoas, as pessoas te reconhecem por isso, seja familiar, seja fora, [...] para mim é uma realização pessoal, porque quero seguir nessa área, e porque não é para qualquer um, a gente tem aí, 1, 2% da população que consegue concluir o mestrado, então realmente é um orgulho para mim, uma alta valorização”

Esses valores agregados percebidos pela Paula, como a “alta valorização”, “orgulho” e “status” por fazer parte de uma minoria que, segundo ela, possui o título de mestre, já haviam sido observados por Levy (1959). Conforme o autor, as pessoas também consomem pelo significado que possuir determinada coisa lhe proporciona, tentando assim, satisfazer seus objetivos, sentimentos, desejos e circunstâncias (LEVY, 1959). Por isso, a visão pessoal e social em relação aos indivíduos que possuem um nível de escolaridade maior, como um mestrado, tem significados que vão além do conhecimento adquirido.

Trazendo uma outra perspectiva, está a fala do Hugo. Que apesar de acreditar que “todo conhecimento impacta na vida, e o conhecimento a nível de mestrado, doutorado vai impactar ainda mais”, ele, que ainda não cursa o mestrado, mas diz ao longo da entrevista pretender ingressar, demonstra que enquanto empresário age de modo a reproduzir e legitimar a prática de desvalorização da pós-graduação stricto sensu dentro do mercado de trabalho. Pois, quando se trata de seus funcionários, a alta qualificação acadêmica é vista por Hugo como uma ameaça, já que ele prefere empregar os mais obedientes e menos críticos.

“eu entendo que quando você tem mais formação, você tem mais poder de crítica. E aí você perde um pouco da capacidade de obedecer sem raciocinar muito [...] no meu caso, se o cara (colaborador) começar a pensar, a estudar, eu vou ter que preparar um novo funcionário para assumir seu posto”. (Hugo)

4.2 Dificuldades de Fazer um Mestrado

Classificamos na categoria “Dificuldades de Fazer um Mestrado”, elementos simbólicos que emergiram das entrevistas relacionados a “sacrifícios”; “culpa diária”; “não ser para qualquer um”; excesso de “demanda”; “cansaço”; “perrengue”; “humanamente impossível”; “escolhas”; “frustração”, dentre outros.

Para Walter, por exemplo, a maior dificuldade de se fazer um mestrado é o nível de exigência, tendo ainda que conciliar com o trabalho. O estudante relata que apesar de “saber que seria difícil”, quando começaram as aulas percebeu que “era mais do que [ele] imaginava”. A entrevistada Paula chama a atenção para o excesso de “carga horária”, o que torna a experiência algo que “não é para qualquer um”. Ela reforça que apenas consegue conciliar com o trabalho pelo fato de “ser autônoma”. Isso não é o que acontece por exemplo com Walter que chama de “sacrifício pessoal” o fato de ter que conciliar com o trabalho na medida em que “parar de trabalhar nunca foi uma hipótese viável”.

Se para Walter e Paula as dificuldades estavam relacionadas entre outros aspectos a conciliar o estudo com o trabalho, para Janaína elas se concentram no excesso de demandas que recebem das disciplinas cursadas. Janaína, que não trabalhava durante os períodos em que cursou as disciplinas, aponta certa “admiração” para com aqueles que conseguiram levar as duas atividades simultaneamente. Ainda assim, Janaína comenta que no seu grupo de amigos chegaram a duvidar de suas capacidades, se questionando se eles que não conseguiam dar conta ou se era realmente humanamente impossível. Como ela conta: “Chegamos à conclusão de que era humanamente impossível, por isso tínhamos que fazer escolhas, o que seria lido e o que não seria”.

Essas escolhas relatadas por Janaína sugeriram certa frustração por muitas vezes ter que abrir mão de leituras que achava interessante, mas que não tinha tempo para se dedicar a elas. Janaína comenta certa “chateação” por ver “uma disciplina com um material muito bom, mas que eu não conseguia dar atenção porque eu tinha outras 5 para estudar também”. Essa frustração também apareceu no relato trazido pela entrevista Paula ao destacar que “fica muito corrida essas aulas, a gente não consegue absorver direito as coisas, é muito pouco tempo para muito conteúdo”.

No caso de Walter, a frustração vem também na forma de não conseguir sequer se distrair um pouco por saber que existem demandas do mestrado que ainda não foram realizadas. O entrevistado, que inclusive buscou na internet confirmar se essa sensação era comum entre estudantes de mestrado, aponta que:

“Parece que é algo comum o que eu estava sentindo entre alunos do mestrado. A gente vive com uma culpa diária e qualquer coisa que a gente faz, a gente sente que devia estar lendo naquele momento ou escrevendo alguma coisa.”

4.3 Privilégio

Um aspecto simbólico que aparece nos relatos associado a se ter um mestrado envolveu o que convencionou-se chamar nessa pesquisa de privilégio. A categoria privilégio foi formada a partir de subcategorias classificadas como privilégio financeiro e de tempo; privilégio de relacionamento e privilégio social. A seguir, explicaremos cada uma delas:

4.3.1 Privilégio Financeiro e de Tempo

Relatos trazidos na categoria Dificuldades de Fazer um Mestrado, já apontavam as dificuldades enfrentadas por aqueles que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Ter condição financeira para se sustentar durante o mestrado, além de tempo para se dedicar exclusivamente aos estudos, foi apontado como um privilégio para poucos. Janaína foi uma das entrevistadas que conseguiu reconhecer a sua condição: “Eu me considero privilegiada por poder me dedicar exclusivamente [ao mestrado]”.

Nos relatos, essa condição de privilégio financeiro e de tempo aparece associada a pessoas que conseguem se sustentar ou são sustentadas e que podem se dedicar exclusivamente para a sua pós-graduação e que, no caso, seriam poucos. Janaína reforça essa condição ao sugerir que “não são todos que moram com os pais, que aceitam voltar a morar com os pais ou que conseguem juntar uma poupança para poder fazer um mestrado”.

É um erro acreditar que esses privilégios não vêm associados também às dificuldades. No caso de Janaína, todo esse privilégio reconhecido traz também algumas complicações que dizem respeito principalmente ao fato de não ter uma renda para direcionar aos seus momentos de lazer e não se sentir confortável de pedir isso aos seus pais na medida em que já “sustentam a casa”. Como a entrevistada aponta, “financeiramente é muito sacrificante fazer mestrado. A gente abre mão de estar trabalhando, de ter nosso próprio dinheiro, pensando e torcendo para que futuramente tudo dê certo”.

4.3.2 Privilégio de Relacionamento

Os relatos apontam que alguns entrevistados se consideram privilegiados por terem uma rede de relacionamentos que os sustenta nesse momento. Essa rede parece fundamental para dar apoio emocional ou prático para esses respondentes. Entre os indivíduos que compõem essa rede, apareceram nos relatos a família, os amigos, os colegas de mestrado, ex-professores que ajudaram a conseguir a vaga, um chefe que incentiva).

Walter, por exemplo, reconhece na mãe o apoio familiar necessário para conseguir se manter estudando. Segundo o seu relato, sua mãe dá todo o “suporte de coisas básicas” de que necessita, como por exemplo, “comida feita, roupa, casa arrumada”, que são atividades que demandam “tempo para fazer” e que ele pode “dedicar aos estudos”. Além de sua mãe, o entrevistado também destaca o suporte que vem recebendo do seu chefe que veio sob a forma de um “horário alternativo para poder assistir às aulas”.

O apoio familiar recebido por Walter contrasta com o da entrevistada Paula. Durante as entrevistas, Paula fez questão de destacar que não possui nenhum apoio em sua família, sendo inclusive “chamada de louca”. No caso dessa respondente, fazer um mestrado e se dedicar aos estudos é considerado por seus familiares “uma palhaçada” sendo que o correto seria “trabalhar” e “ganhar dinheiro”, afinal de contas, a “vida não é só estudar”, “o negócio é emprego” e “tem que ganhar dinheiro”.

Paula aproveita para destacar em seu relato que apesar de se sentir “solitária” nesse “árido caminho” uma vez que não possui apoio “de familiares próximos”, se sente um tanto confusa quando escuta certo reconhecimento e valorização por parte de familiares distantes e de amigos e colegas: “É uma coisa dicotômica, as pessoas mais próximas não te apoiam, mas as pessoas mais distantes, os amigos, os colegas, falam: nossa, meu Deus, cabeçada! Está no mestrado! Eu fico gente o que é isso que está acontecendo aqui, é muito louco.”

Outro tipo de privilégio de relacionamento trazido pelos respondentes foi o de Janaína, que atribuiu aos seus colegas de turma do mestrado, a sua “sorte”. A entrevista sugere que não

esperava encontrar no mestrado um “grupo de amigos tão unidos” que, por conta da pandemia, nem puderam se conhecer pessoalmente mesmo com um ano e meio de mestrado. Nas suas palavras, esse apoio dos colegas de turma aparece da seguinte forma:

“a gente se ajuda muito. Quando um não consegue entregar uma atividade, a gente ajuda, a gente troca resumos de aula, a gente faz o trabalho do outro. Realmente fiz grandes amigos e tive uma rede de apoio muito boa. Eu sei que não é assim. Tanto que eu nem esperava. Mas eu tive muita sorte.” (Janaína)

4.3.3 Privilégio Social

O privilégio social emergiu a partir de falas que traziam desde a sensibilidade dos respondentes em relação às classes sociais, até elementos que sugerem uma certa crítica às instituições educadoras que acabam criando barreiras para acesso ao mestrado, tornando-o disponível apenas para um público específico.

Um dos pontos que se evidenciou durante a entrevista, foi a sensibilidade do entrevistado Walter em relação às classes sociais. Essa sensibilidade foi identificada previamente no trabalho de Levy (1959, p.121) ao apontar que “Goste ou não, existem agrupamentos de classes sociais formados pela forma como as pessoas vivem, pelas atitudes que têm e pela aceitação e exclusividade de suas associações”. Ao longo da entrevista, percebe-se que o entrevistado se esforça, em quase todas as respostas, em deixar evidente a sua origem e o grupo social ao qual pertence.

“O que eu me vejo fazendo na verdade é dando aula pra gente que teve a mesma história que eu, que teve a mesma vivência que eu, que vem de lugares periféricos, que frequentam universidades que não sejam tão renomadas, gente do dia a dia, gente do trem, do metrô, que é com essa galera que eu me identifico na vida.” (Walter)

Observa-se que, em geral, o mestrado é visto pelo entrevistado como privilégio de uma determinada classe, de um determinado perfil de pessoas, o qual ele considera não se incluir. Nesse contexto, percebe-se que para o entrevistado, a maioria dos programas de mestrado é, de certo modo, visto como um símbolo de segregação social.

“a sociedade nesse mundo do trabalho, no corporativo, no privado, seja numa organização pública, enfim, na academia, ela sempre dá um jeito de ser elitista. Quando o pobre não fazia faculdade, faculdade bastava pra muita coisa, pra quase tudo. Quando o pobre começou a acessar a faculdade, a faculdade começou a perder valor [...], então dar-se um jeito de criar uma nova exigência ou aumentar essa exigência pra subir um pouco mais o ‘sarrafo’ e garantir que determinados espaços, determinados cargos, continuem majoritariamente nas mãos do mesmo tipo de pessoa que historicamente ocupa aqueles espaços.” (Walter)

A fala do entrevistado, realizada a partir de uma ótica social, com a ênfase no fato de a academia também ser “elitista”, demonstra toda uma insatisfação com o sistema educacional. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1997 apud NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002), já apontavam o sistema educacional como legitimador de desigualdades sociais, um sistema que apesar da aparente neutralidade, atua de modo a desconsiderar a existência de hierarquias sociais, se sustentando em um discurso de dons, méritos ou habilidades individuais. Assim, torna-se fundamental reconhecer que o desempenho escolar não depende, tão simplesmente, dos dons individuais, mas sim da origem social dos alunos, como classe, etnia, sexo, local de

moradia, dentre outros fatores (BOURDIEU e PASSERON 1997, apud NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002).

Desse modo, observa-se a existência de uma violência simbólica nas instituições de ensino, uma violência que acontece, na grande maioria das vezes, de forma velada e sutil, praticamente imperceptível aos olhos dos atores escolares (BOURDIEU e PASSERON, 1997 apud MARGOTTO, 2017). Instituições que, ao invés de atuarem de forma neutra e a partir de critérios universalistas, acabam servindo para reproduzir e legitimar a dominação exercida pelas classes dominantes. (BOURDIEU e PASSERON 1997, apud NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002)

Já em relação ao programa de mestrado que cursa, percebe-se que este é para o entrevistado mais do que um programa de mestrado, mas sim uma representação da realidade que ele deseja. Conforme mencionado nesse trecho onde ele afirma “que ele [o programa de mestrado] teve a preocupação de ser o mais inclusivo e diverso possível [...], e eu acho uma iniciativa muito bacana, eu acho que são pequenas coisas assim que vão levar a grandes mudanças”. Desse modo, observa-se que ele consegue perceber outros valores agregados em fazer parte deste programa, é o curso como um símbolo de um futuro mais igualitário.

“...eu tá numa sala online de mestrado onde eu vejo tanta gente da pele preta, da pele parda como a minha, gente de bairros periféricos como eu, tem gente que é mãe de uma, duas crianças e consegue conciliar com o mestrado, gente que trabalha também, eu não me sinto sozinho [...] eu acho que quando você olha e vê essas pessoas, você vê que a luta delas é parecida com a tua, isso é importante, sabe?! Você se reconhecer nos teus colegas que estão dividindo o espaço ali contigo” (Walter).

Nesse contexto, o simbolismo de ter o mestrado para esse entrevistado, perpassa a questão de empregabilidade e título. Esse simbolismo invade uma questão muito mais profunda para ele, que é a desigualdade no Brasil e a falta de oportunidades para determinada parcela da população. Por isso, para o entrevistado, estar em uma turma onde ele identifica pessoas com características físicas similares, pessoas que compartilham da mesma realidade, em um programa que ele percebe uma preocupação com a inclusão, é o que faz com ele se motive a prosseguir no mestrado.

4.4 Pausa nos Estudos

Nesta categoria estão os relatos atrelados à necessidade de dar uma pausa nos estudos após a conclusão do mestrado antes de ingressar a um possível doutorado. Essa pausa parece vir pela necessidade dos estudantes de retornar ao mercado de trabalho. Como visto em categorias descritas anteriormente, a falta de recursos financeiros (seja pela ausência de bolsas de estudo ou a dificuldade de conciliar estudo com trabalho) parece ser o principal motivador dessa pausa.

Engatar o mestrado no doutorado parece não ser uma possibilidade para os entrevistados, nem mesmo para aqueles que pretendem seguir a carreira acadêmica. Apesar da entrevistada Ana ter reforçado que o seu “sonho é viver dando aula”, ela afirma que pretende voltar para o mercado de trabalho ao finalizar o mestrado: “Eu pretendo, quando encerrar o mestrado, tentar me engajar na questão do trabalho mesmo, porque eu não penso [em] emendar com doutorado”. No caso de Janaína, o doutorado também precisará aguardar alguns anos “talvez eu fique um tempo trabalhando e me preparando. Depois que eu tentarei [...] daqui a uns dois anos, por exemplo.”

Essa pausa nos estudos parece não estar atrelada a falta de vontade, mas sim a questões financeiras. Como disse a entrevistada Ana: “Eu realmente preciso ter um emprego e conseguir juntar dinheiro ou fazer alguma coisa nesse sentido, porque ficar somente full time estudando, ou sem patrocínio, sem nada, é muito difícil.”. Percebe-se que para elas, para que o sonho do doutorado seja possível, é preciso que antes realizem um planejamento financeiro. Assim como Ana, Janaína também pretende juntar dinheiro antes de prosseguir com o doutorado: “Eu planejo [...] ficar trabalhando um tempo para juntar dinheiro. Eu fiz isso no mestrado também e olha que mesmo estando na pandemia, que a gente quase não podia sair de casa, quase que o dinheiro não deu”.

A falta de bolsas, de incentivo a pesquisa no país, influencia diretamente nessa decisão de pausa. Tanto Janaína quanto Ana afirmam que se houvesse esse incentivo elas conseguiriam dar prosseguimento aos estudos. Conforme a fala da Ana: “Se eu tivesse patrocínio, bolsa, algo do tipo, sim [faria o doutorado]. Fora isso eu não tenho essa possibilidade”. Tendo em vista a alta carga horária e a dedicação que um doutorado demanda, somente a vontade de cursá-lo, não é o bastante. É preciso que haja auxílio financeiro por parte de entidades de apoio à pesquisa. O relato de Janaína reforça esse ponto: “Tenho muita vontade de fazer o meu. Porém eu preciso de bolsa. Acho que não dá pra trabalhar e fazer o doutorado né? Então, sem bolsa, seria impossível.”

5. Conclusão

A partir de uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas e análise temática, objetivou-se identificar quais aspectos simbólicos estão associados a se fazer um mestrado em Administração no Brasil, do ponto de vista de atuais estudantes, e um potencial estudante, de mestrado. Buscou-se na literatura, material que desse suporte para compreender a pós-graduação stricto sensu no país bem como artigos seminais que abordassem o tema de aspectos simbólicos no campo do marketing e a influência do simbolismo presente nos espaços sociais.

Como resultado, foi possível identificar quatro dimensões simbólicas relacionadas ao mestrado no Brasil: i) Futuro e carreira (que destaca o conflito entre seguir a carreira acadêmica ou buscar oportunidades em empresas privadas); ii) dificuldades de fazer um mestrado (que aponta os obstáculos enfrentados por aqueles que cursam mestrado); iii) privilégios (que evidencia uma série de privilégios vividos na pós graduação e que questiona o discurso de igualdade e equidade na academia) e iv) pausa nos estudos (que reforça a desigualdade vivida por aqueles que mesmo tendo o sonho de seguir carreira acadêmica, precisarão dar uma pausa nos estudos para conseguir juntar dinheiro para se manter durante o doutorado).

Dois fatores parecem se relacionar com os resultados encontrados nesta pesquisa. São eles: O fato de todos os entrevistados serem oriundos de escola pública e o fato de a pesquisa ter sido realizada no Brasil. Alguns entrevistados ressaltaram constantemente a sua origem e o contexto social no qual estão inseridos, o que possivelmente contribuiu para o surgimento de uma visão mais crítica nos resultados da pesquisa. Essas questões evidenciam-se, por exemplo, ao discorrerem sobre a necessidade de trabalhar, que acaba acarretando a falta de tempo, e faz com que o programa de mestrado seja visto ainda mais como um sacrifício. Perspectivas essas que, possivelmente, seriam diferentes em programas de mestrado com outro público, os mais tradicionais, ou mais “elitistas” conforme denominado pelos próprios entrevistados.

A realidade do país onde se deu a pesquisa, o contexto brasileiro, também é relevante para um melhor entendimento dos resultados encontrados neste estudo. Alguns fatores

mencionados pelos entrevistados como: a falta de bolsas, a desigualdade social, a educação pública de base que deixa a desejar dificultando todo o percurso acadêmico até chegar na pós-graduação, a desvalorização da carreira acadêmica e da pesquisa no ambiente organizacional, são situações bastante características do Brasil. Todas essas questões, presentes na realidade do brasileiro, acabam atenuando as dificuldades de fazer um mestrado no país e, consequentemente, contribuíram para o surgimento de resultados com uma visão mais crítica.

A partir desta pesquisa foi possível analisar que a mesma contribui para uma melhora na compreensão da trajetória dos estudantes de pós-graduação stricto sensu no Brasil. Com este estudo foi possível perceber as motivações, perspectivas, as frustrações, sacrifícios e até entender um pouco mais da rotina dos entrevistados, ratificando que, apesar dos estudantes relatarem que os obstáculos são diversos, a vontade e o sonho de alcançar mais uma etapa no meio acadêmico é maior ainda.

A pesquisa foi realizada durante a pandemia da COVID-19, uma situação pandêmica que impossibilitou a entrevista pessoal. Assim, a coleta de dados à distância acabou dificultando a observação da linguagem corporal dos respondentes, o que poderia ter propiciado ao entrevistador uma análise mais profunda.

Uma sugestão para pesquisas futuras, é entrevistar indivíduos que já tenham finalizado a pós-graduação stricto sensu para que se possa observar e comparar as dimensões simbólicas percebidas por essas pessoas que já concluíram essa fase. Além disso, também seria interessante conversar com pessoas que, ainda na graduação, já almejam uma pós-graduação stricto sensu para entender quais seriam suas motivações.

Referências

AGUIAR NETO, B. G. Regulamento Geral da Pós-Graduação Stricto Sensu. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Campus Higienópolis. São Paulo/SP. 2014. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/upm_RE_CONSU_18_2014_Regulamento_Geral_Pos_graduacao_Stricto_Sensu_REG_Assinada.pdf. Acesso em: 10/04/2019.

BARBOSA, M. A. S.; SILVA, M. R. da; NUNES, M. S. C. Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 41., 2017, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: AnPAD, 2017.

BRAUN, V.; CLARKE, V. (2012). Thematic analysis. In H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.), APA handbook of research methods in psychology, Vol. 2. **Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological** (pp. 57–71). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/13620-004>

CATANI, A. F.; OLIVEIRA, J. F.; MICHELOTTO, R. M. As políticas de expansão da educação superior no Brasil e a produção do conhecimento. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**. Campo Grande-MS, n. 30, p. 267-281, jul./dez. 2010

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). Ciência, Tecnologia e Informação. Brasília: Disponível em < <https://www.cgee.org.br/web/rhcti> >. Publicado em 06/10/2020

CHARMAZ, K. **Premises, principles, and practices in qualitative research: Revisiting the foundations.** Qualitative Health Research, 2004.

CIRANI, C. B. S.; CAMPANARIO, M. de A.; SILVA, H. H. M. da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v20n1/1414-4077-aval-20-01-00163.pdf>>. Acesso em: 10/04/2019.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e Pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. p. 1-12, 2010. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/12/pdf_2fbfd6231b_0013748.pdf

HASTIE, Peter; HAY, Peter. Qualitative approaches. **Research methods in physical education and youth sport**, p. 79-94, 2012.

HOLBROOK, M. B.; HIRSCHMAN, E. C. The Experiential Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings, and Fun. **Journal of Consumer Research**, v. 9, n. 2, p. 132–140, 1982.

HOLBROOK, M.; HIRSCHMAN, E. The experiential aspects of consumption: Consumer fantasies, feelings, and fun. **Journal of Consumer Research**, 9(2),132-140, 1992.

KUENZER, A.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, set./dez. 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** São Paulo: Atlas, 2015.

LEVY, S. J. Symbols for Sale. **Harvard Business Review**. Vol. 37, p. 111-124, julyaugust, 1959.

LUZ, M. T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais de vida acadêmica. **Physis: revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.39-57, 2005

MACHADO, A. F.; SOUSA, B. B. Luxo Sustentável em Contextos de Hotelaria e Turismo: Do diferencial competitivo à preocupação com a responsabilidade social. **International Journal of Marketing, Communication and New Media**, n. 4, 2018.

MARGOTTO, G. R. Resenha da obra 'A Reprodução' de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. **Kiri-Kerê**, v. 1, [s.p.], 2017

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, 23(28), 15-35, 2002. Acesso em 22 dezembro, 2021, em <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m/?format=pdf&lang=pt>

NUNES, G. C.; DO NASCIMENTO, M. C. D.; LUZ, M. A. C. A.; **Pesquisa científica: conceitos básicos**, Ano 10, No. 29, p. 144-151, 2016.

OLINTO, G. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare**, v. 1, n. 2, p. 24-36, 1995.

OLIVEIRA, J. F.; MORAES, K. N. Produção do conhecimento na universidade pública no Brasil: tensões, tendências e desafios. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 73-95, out./dez. 2016.

REGO, I. J.; MUCCI JÚNIOR, L. C. Pós-Graduação Lato Sensu e Stricto Sensu: Direito fundamental à educação capaz de conduzir a um relevante e renovado inovador Brasil do futuro. **Revista dos Direitos Sociais e Políticas Públicas** (UNIFAFIBE). vol. 3, n. 1, 2015.

RESENDE, R. Técnica de Investigação Qualitativa: ETCL. **Journal of Sport Pedagogy & Research**, v. 2, n. 1, p. 50-57, 2016.

SANTOS, A. S. dos. O ingresso no Mestrado e a adaptação à pós-graduação Stricto Sensu. **Dissertação** de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. Santa Maria/RS. 2015. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10342/SANTOS%2C%20ANELISE%20SCH AURICH%20DOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10/04/2019.

SENRA, K. B.; VIEIRA, F. G. D. Pierre Bourdieu em marketing e estudos de consumo: estado da arte e agenda de pesquisa. **Consumer Behavior Review**, v. 4, n. 3, p. 229-244. 2020

TAKAHASHI, A. R. W.; VERCHAU, J. K.; MONTENEGRO, L.M.; RESE, N.. Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico: Convergências, Divergências e Desafios aos programas de Pós-Graduação Stricto Sensu no Brasil. **EnEPQ**. 2010. Disponível em:
<<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/129/70>>. Acesso em: 10/04/2019

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27-53, 2006.

WARDE, A. **Consumption: a sociological analysis**. Palgrave Macmillan, 2017.